

# Presidente Chissano Recebe Roelof Botha

O Presidente Joaquim Chissano recebeu ontem, em Maputo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, com quem abordou, entre outras questões de interesse mútuo, a evolução dos esforços que o Governo da República Popular de Moçambique leva a cabo, visando pôr fim à guerra de agressão e estabelecer a paz e estabilidade no nosso País. As duas personalidades passaram igualmente em revista os últimos desenvolvimentos políticos na nossa região, nomeadamente o processo de descolonização da Namíbia e a questão da harmonização nacional em Angola.

O governante sul-africano que chegara no período da manhã, regressando ainda ontem ao seu país, informou ao Presidente Joaquim Chissano as circunstâncias que determinaram a recente resignação de PW Botha, do cargo de Presidente da África do Sul.

Entretanto, a AIM noticiou ontem que o governo sul-africano, perante a evidência do contínuo apoio ao banditismo armado que actua em Moçambique, por parte de alguns sectores sul-africanos, está a preparar uma legislação que torne possível um procedimento judicial contra aqueles que continuam a prestar apoio aos bandos armados.

Uma reportagem de autoria de dois jornalistas do jornal sul-africano «Weekly Mail», Eddie Koch e Paul Musker, cita um «dossier» preparado pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, no qual se faz uma lista de testemunhos dos contactos clandestinos entre grupos de bandidos armados e elementos actuando a partir do território sul-africano.

Particularmente, depois da visita a África Austral, do Secretário-Adjunto de Estado americano, Herman Cohen, funcionários superiores do Departamento dos Negócios Estrangeiros de Pretória afirmaram não oficialmente, que a África do Sul pretendia responder às acusações de envolvimento com os bandidos, preparando legislação que torne ilegal qualquer forma de assistência aos chamados «rebeldes da RENAMO».

Herman Cohen afirmou na altura da sua visita, que teve lugar antes do encontro do então Ministro FW De Klerk e o Ministro Pik Botha com o Presidente Chissano em Maputo em Julho:

—Infelizmente continuámos a ver provas de que uma certa quantidade de apoio entra em Moçambique vinda da África do Sul. Agora se este está a ser dado por elementos das Forças Armadas da África do Sul ou pelo sector privado, por exemplo, antigos residentes portugueses que agora estão na África do Sul, é muito difícil dizer. Mas nós, continuámos a pressionar a África do Sul para acabar com esta ajuda.

Um rapaz de treze anos, actualmente num campo de refugiados no Gazanculo, África do Sul, relatou a sua história a Eddie Koch, história que coincide com muitos dos relatos de outros elementos fugidos do MNR que são publicados frequentemente pela Imprensa moçambicana.

João Mudungwazi, de 13 anos, foi forçado a juntar-se a uma base dos bandidos há 3 anos. João disse ao repórter que essa base era dirigida por um homem falando português que faz viagens semanais à referida base, a qual se encontra dentro de Moçambique, perto da fronteira com a África do Sul.

Esse comandante, que de cada vez permanecia alguns dias na base, era muitas vezes acompanhado de brancos falando africanos e de outros falando português. Estavam sempre vestidos à civil.

Um dos homens falando português actuava como assistente do coman-

dante e permanecia por longos períodos na base, para coordenar ataques e assaltos feitos pela unidade. Os de língua africanos pareciam ter apenas um papel de apoio.

Eram esses estrangeiros que atravessavam a fronteira em Land-Rovers de noite e levavam comida, armas e munições. Pelo menos uma vez, usaram um helicóptero para entregar material.

João conseguiu fugir no caso que se seguiu a um ataque dos bandidos a uma vila na fronteira, em Abril. Ele pediu que o seu nome verdadeiro não fosse usado.

O relato do adolescente, sobre os trabalhos a que foi forçado, a violência a que assistiu e o treino militar, coincide com os relatos conhecidos em Moçambique, mas o jornal salienta que ele é o primeiro a falar a partir dum campo situado na África do Sul.

Finalmente, o traumatismo psicológico infligido à criança, é também igual ao das outras vítimas, hoje assistidas em Moçambique. Isso é testemunhado pelo pessoal que trabalha com os refugiados e que contou ao repórter que João, um dia depois de ter sido repreendido por mau comportamento, tentou enforcar-se numa árvore e foi salvo pelos trabalhadores que assistem ao campo que cortaram a corda. Estes explicam a tentativa de suicídio de João, como tendo sido causado pelo pavor de ser mandado de novo para o chamado MNR.